

LITURGIA E ESPIRITUALIDADE À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II

Prof. Ms. Dom Marcony Vinícius Ferreira
Bispo Auxiliar de Brasília

1. INTRODUÇÃO

STATUS QUAESTIONIS

Vivemos em um mundo plural e muito rápido em suas mudanças, correndo o risco da dispersão, trocando o essencial pelo secundário. As diversas experiências de Deus e com Deus levam as pessoas a um subjetivismo expresso nos costumes, quando não a um autorreferencial que tira o foco do primado da Graça, da presença mesma de Deus, que atua com o Seu Espírito.

Para o cristianismo, a espiritualidade ou mística é a experiência de um Deus encarnado¹, de uma pessoa, não de uma ideia, de Cristo Jesus, Filho de Deus vivo, Princípio e Fim, Salvador do gênero humano.

Quando falamos de espiritualidade, vem à mente a pessoa do Espírito Santo, primeiro dom dado por Cristo logo depois da ressurreição: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20,19). É com a força do Espírito do Ressuscitado que caminhamos

¹ Cf. Francisco. Exort. Ap. *Evangelii Gaudium* n.7.

na verdade, pois Ele é o “Espírito da Verdade” (Jo 16,13). É o Espírito de Amor que nos impele a dar a vida, porque amar é dar-se, e, impregnados do Espírito de Cristo, somos capazes de sair de nós mesmos para ir ao encontro da necessidade do outro, pois Ele nos enche do amor de Deus (cf. Rm 5,5), Ele mora em nós (cf. 1 Cor 3,16), Ele nos santifica (cf. 2 Ts 2,13), Ele nos configura com Cristo e também vem ao encontro de nossas fraquezas (cf. Rm 8,26), Ele nos faz mais Igreja e nos encoraja na missão.

É com a presença do Espírito que nos dirigimos a Deus e podemos chamá-Lo Abá — Pai. Por isso, a presença e a participação frutuosa na Liturgia exigem uma vida de oração para que o meu diálogo pessoal com Deus me leve a celebrar Seus mistérios e a vida sacramental da Igreja alimente sempre mais minha amizade com Deus. A espiritualidade não pode, então, ser reduzida a uma simples motivação, mas é deixar-se guiar e viver segundo o Espírito (cf. Gl 5,5ss).

LITURGIA E VIDA INTERIOR

A primeira atitude cristã do homem é olhar Cristo, que nos salva pela Cruz; partir de Cristo e entender que não temos outro evangelho senão Cristo, e Cristo crucificado. Contemplamos, então, Sua pessoa e missão, Seu mistério e presença entre nós, pois “Ele está no meio de nós” (do Prefácio, Missal Romano). Contemplando nossa situação concreta, reconhecendo-nos em nossa fraqueza, nos colocamos na presença de Cristo, tal como o fez o Bom Ladrão (cf. Lc 23,39-43). A oração deve ser apresentada colocando-nos como somos diante de Deus, a partir de nossa condição concreta.

O olhar Cristo é um olhar de fé, é o ver da fé que desperta para a conversão, motivada não pelo medo, mas pelo

amor para com Deus. A Liturgia implica esse olhar de contemplação na fé e no amor, que não se reduz somente ao ato litúrgico, mas é uma atitude de vida quotidiana. A contemplação deve invadir a vida toda do cristão, e, por isso, a Liturgia exige o exercício das virtudes, sobretudo a virtude da caridade, pois sem ela a religião torna-se formalismo ritual sem conteúdo.

LITURGIA E CONTEMPLAÇÃO

É na Liturgia que somos chamados a contemplar os mistérios íntimos de Cristo, Sua disposição interna de amor e obediência. Somos chamados a participar não só ritualmente, mas a penetrar nesses estados de Cristo: “Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus” (Fl 2,5-11). Paulo nos mostra que esses sentimentos se manifestam na obediência, na humilhação, no amor e no sacrifício. Assim, na participação da Liturgia, somos chamados à vocação, à santidade para prestarmos um culto agradável a Deus.

ESPIRITUALIDADES

Chamamos de espiritualidades os modos de como chegar a uma união mais perfeita com Deus. É esforçar-se pela perfeição na caridade. E isso é ter os mesmos sentimentos de Cristo. Temos alguns meios comuns a toda e qualquer espiritualidade:

- estado de graça adquirido como hábito;
- espírito de oração e contemplação;
- espírito de sacrifício;
- exercício das virtudes teologais e morais;

- vida sacramental;
- exame frequente de consciência;
- docilidade aos dons do Espírito.

A espiritualidade se diferencia pelo modo de imitar a Cristo. Pega-se uma virtude e acentua-se, como os franciscanos com a pobreza, os jesuítas com a obediência, a escola francesa com Cristo sacerdote, os dominicanos com o intelecto etc.

ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

Vivenciando os estados de vida de Cristo, essa espiritualidade se concentra no Ano Litúrgico; caracteriza-se por ser cristológica, teológica, pneumatológica e eclesial. É espiritualidade pascal de participação no Mistério de Cristo, e isso a faz o substrato comum de toda e qualquer espiritualidade cristã. Ela não concorre, mas ajuda, alimenta e fortifica toda e qualquer espiritualidade, levando à coerência entre o culto e o agir social.

2. FONTES DA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

PALAVRA DE DEUS

Ouvir para fazer profunda experiência de Deus é fonte de vida e de força, vigor e renovação. Ilumina os fiéis, impele a viver a totalidade do Mistério de Cristo, movendo o cristão a uma vida de fé pessoal e comunitária. A Palavra é alimento, fonte de oração da Igreja.

EUCOLOGIA

A Igreja nos ensina e nos ajuda a rezar. Apesar da secularização, sobressai no mundo de hoje uma renovada necessidade de espiritualidade. A Mãe Igreja coloca em nossos lábios expressões orantes, fazendo-nos voltar a descobrir e praticar a mistagogia dos Padres.

RITOS E SÍMBOLOS

Nos ritos, deve transparecer o que de fato eles significam: uma realidade divina que se apresenta através da mediação humana.

3. DIMENSÕES DA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

FIDELIDADE AO DEPÓSITO RECEBIDO

Devemos ser fiéis ao que recebemos desde os tempos apostólicos. Tudo deve ser ordenado sem dominação ou busca de “gostos pessoais”. Devemos nos perguntar sempre: onde colocamos o foco quando celebramos? Não é à toa que a *Sacrosanctum Concilium* insiste que na formação devemos nos preocupar com as dimensões: bíblica, cristológica, sacramental, eclesial, pascal e mistagógica. Nesse campo da fidelidade, sobressaem a presença e o agir de Cristo. Por isso, “ninguém, nem mesmo o sacerdote, acrescente, tire ou mude algo na liturgia” (SC 22).

MINISTÉRIOS

O corpo todo fala e, por isso, a postura dentro da celebração também é oração. Com todo o nosso ser, comunicamos o Mistério. Mas, ao mesmo tempo, devemos cuidar para sermos como João Batista: “É preciso que Ele cresça e eu diminua”. Todo e qualquer ministério na vida da Igreja e, sobretudo, na Liturgia é para manifestar a Cristo. E nos exorta o papa Bento XVI: “A epifania do *eu* e do *nós* obscureceu a epifania de Deus”². E, na mesma perspectiva, o papa Francisco adverte para o risco de buscar a autorreferencialidade, a aparência, a autocomplacência egocêntrica e o elitismo narcisístico³. É urgente evitar o show, o espetáculo. Como nos coloca tão bem o monge François Cassingena-Trevedy: “A Liturgia é bela, na medida em que, no despojamento completo, numa renúncia total ao supérfluo, deixa aparecer os gestos fundamentais de Cristo e, de forma ainda mais radical, deixa aparecer o Gesto em pessoa, o Gesto de Deus para conosco, que é o próprio Cristo”⁴.

ASSEMBLEIA

Na celebração, buscamos unicamente as duas finalidades da Liturgia: glorificação de Deus e santificação dos homens. É necessário, pelo pouco preparo do povo, integrar a piedade popular na vida litúrgica para se levar à experiência de Deus. Essa é uma boa oferta pastoral, pois não se pode

² Cf. P. Tomatis, *Liturgia e mondanità spirituale*. In: *Rivista Liturgica*, 102 (2015), 1, p.49.

³ Cf. Francisco, Exort. Ap. *Evangelii Gaudium* n.24.

⁴ F. Cassingena-Trevedy, *La bellezza de la liturgia*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2008, pp.24-25.

separar a Liturgia da vida concreta, do testemunho diário da solidariedade, da justiça e da paz. Na Liturgia, sempre há um antes e um depois, pois, no Novo Testamento, a palavra *liturgia* designa tanto o culto como também o anúncio do Evangelho e a prática da caridade⁵.

ACOLHIDA

Devemos levar todos os participantes a se sentirem em casa, sem cobrar o que não receberam, especialmente os pobres. Toda a celebração, não só a Eucaristia, deve ser momento de acolhida, de encontro, de comunhão. Devemos buscar harmonizar o que se faz com o que se diz, com o que é vivido interiormente sob a ação do Espírito Santo⁶.

ESPAÇO LITÚRGICO

Ele deve favorecer a espiritualidade de comunhão, seja pela beleza arquitetônica, seja pela harmonia da disposição do templo. Nada de mesquinhez ou luxo, mas uma nobre simplicidade.

MÚSICA E CANTO LITÚRGICO

A música sacra é expressão de oração, favorece a unanimidade e dá solenidade ao rito. O canto traz em si aspectos bíblico-litúrgico-pastorais: fundamentado na Palavra de Deus, apropriado ao momento litúrgico e com melodias fáceis para a participação do povo.

⁵ Cf. *Catecismo da Igreja Católica* n.1070.

⁶ Cf. Bento XVI, *Encontro com os padres da diocese de Albano* (11 de setembro de 2006).

SILÊNCIO

Saber escutar. A abertura à escuta é, antes de mais nada, confiar em Quem nos fala, isso para interiorizar o conteúdo da Liturgia. A Instrução Geral do Missal Romano está repleta de convites ao silêncio dentro da celebração, como evitar a pressa na Liturgia da Palavra, para que esta seja acolhida interiormente.

TEMPO

A Igreja sempre, desde os seus primórdios, celebra o Dia do Senhor, dia da reunião dos irmãos para fazer memória do Ressuscitado (cf. At 2,42). Ao longo dos séculos, ao redor da centralidade do Tríduo Pascal, foi-se organizando o Ano Litúrgico no qual cada tempo ou festa tem sua espiritualidade específica e goza de uma força sacramental que lhe é própria (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa, Tempo comum, festas marianas e santos). A oração litúrgica orienta para a dimensão escatológica, sobretudo, nas orações *post communio*.

CONCLUSÃO

A espiritualidade litúrgica é vivida por quem, como os primeiros discípulos, testemunha a alegria da Boa Nova da salvação, na perseverança, na unidade, na oração, no partir o Pão, na partilha de bens, no louvor a Deus e na fidelidade à Doutrina dos Apóstolos (cf. At 2,42.46-47).

